

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Spike Lee lembra que cronologia do filme acaba em 1988

Spike Lee rebate críticas a 'Michael'

Spike Lee defendeu "Michael", a cinebiografia de Michael Jackson, dos que tem criticado a produção por omitir as denúncias de abuso sexual infantil que o cantor enfrentou durante a carreira. Segundo o diretor, que diz ter adorado o filme, a crítica não se sustenta uma vez que a narrativa termina em 1988, e a primeira acusação aconteceu apenas em 1993.

"Em primeiro lugar, se você é

um crítico de cinema e está reclamando de tudo - de todas essas outras coisas -, o filme termina em 1988", disse, em entrevista à CNN, sobre o longa.

"As coisas de que você está falando, as acusações, acontecem [depois]. Então você está criticando o filme por algo que você quer que esteja lá, mas que não funciona na cronologia da obra", argumentou o cineasta.

Como o diabo gosta

"O Diabo Veste Prada 2" arrecadou US\$ 233 milhões globais em seu fim de semana de estreia, com US\$ 77 milhões apenas nas bilheterias americanas. O filme obteve a segunda maior estreia de 2026 até então, atrás apenas de "Super Mario Galaxy", que estreou com US\$ 372,5 milhões mundiais. Atrás de "O Diabo", "Michael", que estreou com US\$ 217 milhões, e "Devoradores de Estrelas" (US\$ 140 milhões), aparecem em terceiro e quarto lugar do ranking. "O Diabo Veste Prada", lançado em 2006, abriu com US\$ 27,5 milhões nos EUA.

Meirelles a toda

Wagner Moura, Ralph Fiennes e Colin Farrell foram escalados para "Art", novo filme de Fernando Meirelles. Baseado na peça de Yasmina Reza e vencedora do Tony, o filme seguirá um trio de amigos que vê sua amizade em crise após a aquisição de uma pintura.

Meirelles a toda II

A comédia do diretor brasileiro estará no Mercado do Filme do próximo Festival de Cannes, área em que produtoras diversas buscam acordos de financiamento e distribuição. Meirelles também se prepara para lançar "Corrida dos Bichos" e "Here Comes The Flood".

Shakira é só gratidão aos brasileiros

Shakira usou as redes sociais para se despedir do Brasil e agradecer pela hospitalidade do povo brasileiro. "Não consegui dormir. Emoção demais. O que aconteceu no Rio foi inesquecível e arrepiante. Juntos podemos reconhecer o poder da música em todos nós", disse a artista cuja apresentação da artista atrasou pouco mais de uma hora devido a um mal-estar de seu pai.



Rafael Catarcione/Prefeitura do Rio



Nando Chagas/Divulgação

Giuliano Eriston experimentou ampliar as paletas sonoras de seu novo disco

Os muitos tons (e sons) de Giuliano Eriston

Cantor e compositor cearense revela ecletismo musical em 'Politonia', seu segundo trabalho autoral

AFFONSO NUNES

Giuliano Eriston acaba de lançar "Politonia", seu segundo álbum autoral. O cantor e compositor cearense trata o novo trabalho como uma mudança significativa em sua trajetória musical e retoma a parceria com o produtor Pedro Baby, com quem trabalhou no EP "Giuliano Eriston Canta Sérgio Sampaio" (2024). O ecletismo está no DNA desta politonia que alterna ritmos como maracatu, jazz, xote e R&B, com o artista cantando em português, inglês e francês.

Eriston conta que esta nova safra de canções é fruto de sua mudança de Fortaleza para o Rio, refletindo novas paixões, humores mais excitados e um tom crítico que não havia explorado em seus lançamentos anteriores.

O título é um neologismo criado pelo próprio artista para expressar sua busca por contrapor-se à monotonia de ideias — especialmente musicais — e abraçar a diversidade e multiplicidade do mundo. Na produção musical, Pedro Baby investigou as minúcias do material gravado para definir as sonoridades de cada faixa.



Divulgação

"É uma espécie de contraposição ao meu primeiro álbum 'Universo em Si', que tem uma paleta de cores bem restrita porque a instrumentação foi mais simples", explica Giuliano. No novo trabalho, o artista atua em múltiplas frentes: canta, compõe, arranja e toca diversos instrumentos. Pedro Baby comenta que "a música, a poesia e as interpretações de Giuliano Eriston reconstroem novas gerações à essência da MPB".

O álbum abre com "Lucidez", faixa íntima que mergulha em conflitos internos mas aponta para esperança e tempos melhores. Na sequência, "Gosto do Gesto" e "Festa no Infinito" conduzem para um território mais leve, explorando enamoramento e sensações de encantamento. "Corpo de Candiá", faixa de trabalho, surge como um ri-

tual noturno. Giuliano conta que a música nasceu ouvindo Moreno Veloso e explorando a musicalidade de palavras indígenas e africanas. Maturada ao longo de um ano e meio, a canção celebra a noite e sua magia. Moreno Veloso aceitou participar da gravação.

"Borogodó" traz tom irônico e bem-humorado para uma história de paquera frustrada. É a única parceria do álbum, composta com Pedro Baby e Gustavo Pereira — reafirmando a colaboração entre Giuliano e seu produtor. "Não Pro Sim" e "Vem Me Lembrar" mergulham em emoções densas, abordando desengano e saudade. Na reta final, "Teia" e "Waiting" retomam um olhar crítico, refletindo sobre questões sociais e políticas contemporâneas que atravessam a geração de Giuliano.

Nascido em berço artístico em Bela Cruz (CE), Giuliano revelou seu talento aos 13 anos ao fazer seu primeiro show solo no Festival Choro Jazz em Jericoacoara. Em 2021, foi o vencedor do reality show musical The Voice Brasil (TV Globo) e, ano seguinte, lançou seu primeiro álbum autoral "Universo em Si", produzido por Kassin, com parcerias de Ronaldo Bastos e Dirceu Leite.